

Escolas abertas em todo fim de semana

Projeto estende a todo o país experiência que já vem sendo feito em 38 escolas da capital

DA REDAÇÃO

Um projeto de lei que tramita no Congresso propõe iniciativa que já é realidade no Distrito Federal para 38 escolas públicas: a Escola Aberta. A proposta, de autoria do senador Expedito Júnior (PR-RJ) determina que todas as escolas do país abram suas portas aos finais de semana, feriados e períodos de recesso, a fim de permitir a oferta e a prática de atividades culturais, esportivas, de lazer e de reforço escolar.

Além dessas atividades, a matéria amplia o alcance do Programa Nacional de Alimentação Escolar, permitindo a transferência de recursos federais às escolas públicas que desenvolverem essas atividades extracurriculares. Segundo Expedito Júnior, os níveis de pobreza do país justificam a necessidade de aprovação do projeto.

— Há crianças que têm como única refeição a que é feita na escola. Nos finais de semana, esses estudantes ficam sem ter onde comer. A finalidade dessa lei é, além de suprir essa necessidade de alimentação, oferecer atividades que retirem as crianças das ruas, quando elas podem estar expostas à situações de risco — explicou o senador.

Expedito Júnior não tem uma estimativa de quanto o governo deverá investir para viabilizar o projeto. O senador e os técnicos de seu gabinete não fizeram nenhum estudo sobre os custos do projeto.

— Esse levantamento cabe ao Ministério da Educação e as secretarias e Educação dos estados e municípios — reiterou o senador.

No Distrito Federal

O programa Escola Aberta chegou ao Distrito Federal em 2006. O programa foi idealizado pelo Ministério da Educação e pela Organização das Nações Unidas para a



Divulgação

ESCOLA CLASSE 07, DO GUARÁ — menos depredação e demanda da comunidade que ultrapassa o planejamento

Educação, Ciência e Cultura — a Unesco. O programa é nacional, mas não atende a todas as escolas do Brasil, mas sim instituições que atendem a critérios estabelecidos por seus idealizadores, conforme explicou a coordenadora do programa na Secretaria de Educação do Distrito Federal, Marta Scarduo.

— As escolas têm de ficar em áreas metropolitanas onde não há comunidades carentes; esse é o principal requisito — explicou a coordenadora.

Para viabilizar a execução do programa, é eleito um professor, que fica responsável por identificar os líderes comunitários e pessoas que possam realizar oficinas nos finais de semana. Segundo Marta Scarduo, as oficinas, a princípio, eram divididas em quatro coordenações temáticas — esporte, meio ambiente, cultura e pedagogia — mas a demanda da

Nossa meta é estender o programa para mais 50 escolas até o julho, e até 100 no fim do ano.

Marta Scarduo
coordenadora do programa Escola Aberta

comunidade já ultrapassou o planejamento inicial.

— São realizadas reuniões quinzenais para verificar se as coordenações atendem às expectativas da comunidade. Hoje temos oficinas de cabeleireiro, corte e costura, hip hop, capoeira, informática, dança, artes marciais, artesanato e balé — enumerou a coordenadora.

Em 2007, o MEC e a Unesco repassaram pouco mais de R\$ 756 mil para atender as 38 escolas inscritas no programa que já beneficia mais de 28 mil pessoas em todo DF.

— Nossa meta é estender o programa para mais 50 escolas até o julho, e até 100, no fim do ano — completou Marta Scarduo.

Escola Aberta no Guará

A Escola Classe 07, na QE 38 do Guará, já abre suas portas à comunidade aos finais de semana há um ano. Segundo o diretor da instituição, Fernando Gabriel de Vasconcelos, só houve ganhos para comunidade e para escola depois da implementação do programa.

— A comunidade passou a zelar mais pela escola. O comportamento das escolas também mudou e o nível de aprendizado também — afirmou o diretor.

A escola oferece oficinas de vôlei, futsal, dança, taekwondo, biscuit, judô e capoeira. Todos os oficineiros são da comunidade. São pessoas como Alan de Sousa Santana, que trouxe a capoeira de Angola, estilo mais próximo de como os escravos jogavam a capoeira, para a comunidade.

— Estou aqui há três meses e gostando muito de trabalhar com a comunidade. Eu vejo muita pobreza, muitos jovens precisando de algo para fazer. Com o programa Escola Aberta, a molecada que ficava na rua tem a opção de ficar dentro da escola, aprendendo um esporte e aprendendo a dar mais valor na escola — comentou o capoeirista.

Todas as escolas inseridas no programa recebem R\$ 17 mil, por ano, para comprar os materiais permanentes das oficinas e o material de uso imediato. A diferença entre o programa em vigor no DF e o projeto de lei que tramita no Congresso é a questão alimentação. Esse programa oferece oficinas, mas como os alunos não ficam na escola o dia inteiro, não há nenhum tipo de alimentação.

Nada de depredação

Para o coordenador do programa na Escola Classe 07, o professor Alisson Rafael de Sousa Lopes, a Escola Aberta é sobretudo um lugar de encontro da comunidade. Segundo o coordenador, o ganho mais significativo que o programa trouxe foi a criação de um ambiente familiar entre a escola e os moradores da região.

— A escola fica aberta e não há depredação das dependências, as pessoas enxergam a escola como uma extensão da casa delas, isso é o maior ganho — diz o coordenador. Em média, a escola recebe 200 pessoas por final de semana. (C.F.)